

Informe sobre o
Forum de Resistência aos Agronegócios
- Buenos Aires, 23-25 junho -
www.resistalosagronegocios.info

Conteúdos

O Fórum	2
1. Propósito.....	2
2. Enfoque.....	3
Síntese Política	4
1. O poder: os agronegócios são um projeto político e territorial.	4
2. A colonização do poder na América Latina do século XXI - o neocolonialismo dos agronegócios <i>versus</i> a Soberania Alimentar.....	4
3. Unir as forças: Biodiversidade e Reforma Agrária.	6
4. Agricultura e Capitalismo - Ecologia e Política	6
5. Propostas: a resistência aos agronegócios, um primeiro passo para a articulação.	7
Conclusões dos Grupos de Trabalho	Error! Bookmark not defined.
1. O MERCOSUR dos monocultivos.....	Error! Bookmark not defined.
2. Os biocombustíveis: nova matriz energética e expansão territorial dos monocultivos sojero e florestal. Mudança climática.	Error! Bookmark not defined.
3. Impactos del modelo.....	Error! Bookmark not defined.
4. Soberania Alimentar	Error! Bookmark not defined.
5. A cidade Supermercado. Monopólio da distribuição/relação com os consumidores..	Error! Bookmark not defined.

1. Propósito

A violência do modelo dos Agronegócios se manifesta diariamente: na expulsão dos camponeses, na militarização do campo, na extranjerização de territórios, na apropriação dos recursos naturais, nos investimentos do Estado ao serviço das corporações com o crescimento das dívidas externas (em portos, hidrovias, estradas, vias de telecomunicação), na concentração de terras, na desertificação, na contaminação por agrotóxicos e por transgênicos, na destruição da biodiversidade, no êxodo rural e no crescimento dos cinturões de miséria ao redor dos centros urbanos, no desemprego generalizado e na precarização do trabalho, na fome e na desnutrição, nas doenças e mortes por causas evitáveis, na colonização de nossas culturas e na perda de nossos patrimônios alimentares, no domínio do supermercadismo sobre os mercados locais e no controle das transnacionais sobre os preços dos alimentos e o conteúdo da cesta básica. Todas estas consequências se originam em um processo que nasce nos modelos rurais e que, desde aí, se projeta e domina a sociedade urbana.

Este modelo dos agronegócios, sob os critérios da inserção no mercado global, nos é imposto como a única via de desenvolvimento e de progresso de nossos países, acarretando transtornos humanitários e ecológicos de dimensões catastróficas.

A intenção do Fórum foi somar forças e denunciar o projeto político dos agronegócios, assim como dar um primeiro passo ao promover os diálogos iniciais para a **organização em nossa região de uma frente comum de oposição ao modelo político e econômico dos agronegócios.**

O Fórum procurou promover um contraponto à realização de dois grandes “eventos dos agronegócios”, representativos de suas articulações globais e regionais:

O primeiro mega-evento foi a **Conferência Mundial da IAMA** (Associação Internacional de Gerenciamento dos Agronegócios) realizada em Buenos Aires entre os dias 10 e 13 de junho com o tema “Agronegócios, Alimentos, Saúde e Nutrição”. A IAMA conta com 700 membros em mais de 50 países e agrupa as maiores corporações do mercado global. Entre seus dirigentes se encontra Heinz Imhof, chairman da Syngenta como presidente e Morton Satin, diretor de Alimentos e Agroindústrias da FAO, como director ejecutivo.¹ A IAMA é parte do Conselho Mundial de Negócios Sustentáveis (WBCSD) que tem uma profunda influência nas esferas das agências da ONU e pode ser catalogado como o principal gestor de todas as orientações mercantilistas nos Convênios de Biodiversidade, no Protocolo de Kyoto, entre outros.

O segundo evento foi o encontro **MERCOSOJA** realizado de 27 a 30 de junho em Rosário, província de Santa Fé. Mercosoja foi patrocinado por corporações tais como Bunge, Cargill, Basf, Banco Galicia, YPF-Repsol, Bayer, grupo Diários Clarín e reuniu além dos representantes corporativos, da acadêmica e das agências dos governos e bancos, mais de quinhentos empresários do Cono Sur da América Latina. Sobre a cadeia produtiva da soja, este encontro foi o último grande evento internacional antes do Congresso Mundial da Soja, que será realizado na China em 2009.

¹ Na Argentina, a IAMA é dirigida por Gustavo Grobocopatel, o maior sojero da Argentina e Héctor Lawrence, CEO da McLaren Holdings S.A. e ex director da Fundação Vida Silvestre/WWF Argentina.

2. Enfoque

Existem resistências que operam em diversos níveis de luta, de consciência e de organização. Contudo, a atual separação entre a ação local dos movimentos sociais e a ação dos grupos ativistas e de investigação nos debilita frente a este modelo devastador que afeta a todos. É necessário por isso gerar confluências e dar um passo mais além do diagnóstico e das denúncias para convergir em estratégias efetivas.

Nossa tarefa é compreender a dimensão que têm os agronegócios como projeto político que afeta ao conjunto da sociedade. Abordamos a complexidade do marco dos agronegócios apresentando uma série de blocos temáticos para alcançar uma dimensão estrutural, como forma mais operativa de trabalho. Estes blocos seguiram as linhas idéias e conceitos extraídos das conferências e discussões que se desenvolveram no Fórum. Esperamos que sirvam de insumo para debates com outros setores da sociedade. As temáticas sobre as quais nos aprofundamos foram:

- **O Neo-colonialismo dos Agronegócios.** A integração da região desenhada para as corporações com sua máxima expressão no projeto IIRSA.
 - **Mudança climática.** Frente ao fim da era do petróleo e o aquecimento global, surge a nova matriz energética dos biocombustíveis; o novo “mercado de carbono” que justifica as emissões da indústria do Norte dará como resultado a expansão do modelo sojero e florestal.
 - **Que cidade para este campo? Que campo para esta cidade?** Os agronegócios controlam o campo e redesenham a distribuição da população em grandes centros urbanos. Os grandes supermercados controlam o acesso aos alimentos e manipulam nossa cultura alimentar. A cidadania se reduz assim ao papel de meros consumidores.
 - **Reforma agrária e soberania alimentar.** A luta pela terra e o desenvolvimento local dá o horizonte de resistência a este modelo e aponta a construção de outra sociedade tanto no campo como na cidade.
 - **Agronegócios X Direitos humanos.** A contaminação com agrotóxicos é um genocídio das populações rurais. O modelo avança com violência, militarizando o campo e criminalizando o protesto social, a pobreza e os movimentos organizados.
-

A América Latina foi designada, historicamente, na divisão internacional da pilhagem e do saqueio, o papel de provedora de recursos naturais e produtora de monoculturas de agroexportação. Tomar consciência destas equações neocoloniais, segue sendo a chave para compreender nossas tarefas e decidir as vias da emancipação.

1. O poder: os agronegócios são um projeto político e territorial

As atividades dos ‘**agronegócios**’ e das indústrias extrativas **constituem o eixo estrutural e a origem dos principais conflitos sociais e ambientais na região sudamericana.**

Desde o agro está desenvolvendo-se uma **estratégia regional** e um projeto de **integração** corporativa. A dominação territorial se expressa através da expansão dos monocultivos e a culminação das vias logísticas de distribuição até os portos para o exterior. Nos referimos especificamente ao projeto Hidrovía - IIRSA (Iniciativa de Integração de Infraestrutura Regional Sudamericana).

O poder exercido pelos agronegócios no marco do capitalismo global produz uma dinâmica que se expressa na ocupação dos Estados nacionais, onde seus agentes disfarçam as políticas corporativas em políticas públicas. As influências das organizações multilaterais (Banco Mundial, BID, FMI, OMC, ONU) coordenam a engenharia desta nova ordem globalizadora. As transnacionais da cadeia agroalimentar (Monsanto, BUNGE, Cargill, ADM, Basf, Bayer, Syngenta, Unilever, Nestlé, etc) vem eliminando as economias e os mercados locais. Esta dinâmica se justifica na lógica econômica condicionada ao pagamento da dívida externa, enquanto as elites políticas locais, sob pensamentos “progressistas”, promovem planos assistenciais e políticas compensatórias massivas como respaldo aos novos modelos neocoloniais da dependência.

Neste contexto comum a todos nossos países, os agronegócios configuram um projeto político hegemônico, o qual estabelece os modos de submissão colonial contemporânea. As consequências sociais e ambientais devastadoras nos permitem concluir que não há coexistência possível deste projeto político com o desenvolvimento e a soberania de nossos povos.

2. A colonização do poder na América Latina do século XXI - o neocolonialismo dos agronegócios *versus* a Soberania Alimentar

No século XXI os agronegócios representam a perpetuação do projeto colonial que há 500 anos vem naturalizando a sangria das veias da América Latina que tão bem exemplificou Eduardo Galeano. O modelo de monocultivos instalado desde a Conquista adaptou nossa produção agrícola às necessidades do desenvolvimento capitalista. Nesta etapa do capitalismo global, este modelo adquire um novo caráter de dependência com a introdução de tecnologias agrícolas (como por exemplo, os transgênicos) e sistemas de transformação e distribuição de alimentos controlados por grandes corporações transnacionais.

No marco da proteção da propriedade intelectual (TRIPS – OMC), as cadeias de produção agroindustrial promovem a **dependência à pacotes tecnológicos**. Nossas economias nacionais se condicionam desde as sementes transgênicas até as gôndolas dos supermercados e nossos padrões alimentares são submetidos a uma cultura cada vez mais homogênea e globalizada .

A expansão da agricultura industrial para a produção de *commodities* gera a contaminação química da água, do ar e dos demais recursos naturais e a perda da biodiversidade. Esses efeitos do modelo de produção e consumo são a causa da mudança climática, do aquecimento global e da erosão e desertificação dos solos que ameaçam a continuidade da vida no planeta². A crise da mudança do clima gerada pelas indústrias do norte nos confronta com a ameaça dos biocombustíveis e a toda a extensão adicional de territórios de monocultivos que isso representa. A particularidade desta etapa é que o próprio sistema capitalista reconhece a lógica destrutiva intrínseca ao seu funcionamento. Mantendo as dinâmicas de mercado através de estratégias de “sustentabilidade” e “conservação”.

As cidades, cada vez mais superpopuladas e violentas, sofrem as conseqüências do desenraizamento e da perda da cultura, impondo uma dinâmica de consumismo conveniente aos resíduos da globalização. As agriculturas campesinas e familiares, as áreas de reserva natural e os territórios de povos originários constituem as principais zonas da resistência ao projeto corporativo.

Na última década a organização e a resistência camponesa gerou um movimento internacional de articulação e representação das vozes e demandas do campo: a “Via Campesina”. A principal força e arma da luta da Via Campesina é a formulação do conceito de **Soberania Alimentar**, paradigma da luta por uma reforma agrária integral. Esta proposta reivindica o direito de cada povo à liberdade para decidir sobre a comercialização de excedentes, somente depois de haver garantido a própria alimentação da sua população, com os recursos próprios do seu território e de acordo com seu padrão cultural, ambientalmente adequado e saudável. Contra a dieta colonizada que nos propõem os agronegócios, pretende-se também que se respeitem as práticas e o conhecimento campesino e se preserve a diversidade cultural e alimentar. **A Soberania Alimentar constitui o programa principal da luta contra os agronegócios.**

² A FAO estima que nos últimos 100 anos perdeu-se ¾ partes da diversidade genética agrícola devido à expansão dos monocultivos.

3. Unir as forças: Biodiversidade e Reforma Agraria

Desde suas perspectivas, o movimentos ecologista e os movimentos camponeses e povos originários da América Latina vêm aprofundando a denúncia do modelo de produção e consumo capitalista e os seus efeitos sobre as condições de vida de nossos povos. O reconhecimento da existência destes dois campos de luta, na crítica como na capacidade de resistência, nos leva à convicção de que é preciso impulsionar amplos processos de convergência. **É urgente gerar novos paradigmas de pensamento e ação política**

O Fórum estabeleceu **um espaço onde confluíram movimentos ecologistas, organizações sociais, pesquisadores, povos originários e movimentos camponeses de América Latina**. Com essas diferentes perspectivas tentou abarcar a magnitude e o significado dos agronegócios para entender a cadeia de degradação, violência e crise constante que sofremos.

Hoje a consciência de nossa responsabilidade planetária não admite o apego a velhos aparatos conceituais e nos obriga à recolocar as heranças ideológicas que nos impedem de propor alternativas ao projeto científico tecnológico. Esta visão amarrada à ideia do progresso ilimitado tem se imposto como a única verdade do desenvolvimento da humanidade. Inclusive os discursos progressistas constroem as suas propostas sob a ideologia da ciência, do desenvolvimento tecnológico, da modernidade e do progresso. Por isso devemos nos atrever a mudar o olhar.

4. Agricultura e Capitalismo - Ecologia e Política

A introdução de novos mecanismos de apropriação, de mercantilização e exploração da agrobiodiversidade (como por exemplo a propriedade intelectual e as cadeias integradas de produção) aprofundam a acumulação capitalista à níveis até agora impensáveis.

O elemento mais emblemático deste projeto é a agricultura de transgênicos -onde o controle e a dominação passam a ser estruturais. As sementes são o recurso produtivo fundamental e originário da vida e da agricultura e por isso são a base da reprodução de todo o sistema biotecnológico do Capitalismo global.

As mudanças na agricultura, a expropriação e separação dos homens e das mulheres da terra - e a transformação desta em propriedade privada e mercadoria - estão na origem histórica do surgimento do capitalismo e das sociedades industriais e urbanas. Nesta etapa histórica, **a globalização está realizando uma transformação ainda mais radical e fundamental para a manutenção do sistema**. Identificar a forma em que se opera a conversão da agricultura em uma atividade industrial, seus impactos sobre as pessoas e o meio ambiente, sobre as nossas culturas e biodiversidade, é um desafio central para compreender o sistema e transformá-lo.

Nosso principal desafio é situar o rural, as populações camponesas e o pertencimento à terra e a nossa diversidade cultural no centro da ação política. A resistência camponesa e indígena e os novos pensamentos que derivam da Ecologia questionam a civilização urbana e industrial tecnologicada e não somente o sistema capitalista. Propõem a refundação e a reconciliação da nossa relação com o planeta que é o nosso lar e com a natureza da qual somos parte.

5. Propostas: a resistência aos agronegócios, um primeiro passo para a articulação

Os acordos aos que chegaram os participantes do Fórum, giraram ao redor da necessidade de visualizar o significado deste avanço corporativo e instalar este debate no centro das discussões políticas em nossa região, acima de visões e abordagens setoriais.

Acordou-se também que somente uma férrea aliança dos setores mais combativos da cidade e do campo pode colocar freio a estas políticas e abrir novos horizontes para a região. Para esta grande tarefa que temos por diante, não só é necessário assumir pensamentos mais abrangentes, mas também realizar as novas articulações sociais que consigam somar com generosidade à luta comum, os novos protagonismos tanto na cidade como no campo. **Um projeto de autonomia e emancipação para conquistar nossa soberania política passa hoje, imprescindivelmente, pela conquista de nossa Soberania Alimentar.**

Passos seguintes:

- Sugeriu-se a continuidade desta iniciativa ampliando a plataforma de organizações promotoras, incorporando maior diversidade de organizações em nível regional para uma agenda de trabalho de seguimento desta iniciativa. Além disso, colocou-se a prioridade de reforçar esta iniciativa através do desenvolvimento de oficinas nacionais.
 - O grupo organizador do foro comprometeu-se à manter a página web de www.resistalosagronegocios.info como o instrumento onde subir os documentos e informações relevantes. Também assumiu a tarefa de transcrever o conteúdo dos painéis desenvolvidos durante a duas jornadas do Fórum e desenvolver ferramentas, tais como manuais e diapositivas para facilitar a realização das oficinas de capacitação.
-